

O primeiro boletim de 2019 da ADUFDourados destaca as principais informações dos três primeiros meses de nosso difícil ano. Nossos esforços em meio à janeiro, fevereiro e março seguiram ritmo carnavalesco, considerando que esta época do carnaval marca a AdufDourados e o calendário de início para muitos do ano corrente. **Somam-se às movimentações do carnaval, as atividades para o 8 de março que se misturaram à elaboração da carta/compromisso para as 3 chapas concorrentes à reitoria da UFGD, na consulta prévia ocorrida em 12 de março de 2019.** Uma consulta que esteve tensionada pelo ato presidencial consubstanciado na nota técnica 400/2018 do MEC que desconsiderou a paridade entre as categorias de servidores docentes, servidores técnicos e discentes, reinante na maioria das IES públicas brasileiras.

Sob a lembrança do vitorioso samba enredo da Mangueira, bem como, das marchinhas inéditas e paródias vencedoras do carnaval 2019 do sindicato ADUFDourados, nossas labutas deste início do ano trazem consigo os esforços para com a criação de mais uma turma de cursinho popular que aprovou na última seleção de vestibular da UFGD, 28 jovens vindos das periferias douradenses.

No final de janeiro e início de fevereiro a ADUFDourados participou com 5 delegadxs do 38º Congresso do ANDES-SN, em Belém (PA). Destacamos a aprovação histórica por ampla maioria da paridade de gênero para a diretoria do Sindicato Nacional. Aprovamos também a centralidade da luta para o próximo período, com enfoque no combate contra a PEC06/2019, que é o fim da previdência social.



(Delegação da ADUF no 38º Congresso do ANDES)

## Festa, política e sociabilidade

Há alguns anos, a ADUFDourados - Sindicato das Professoras e dos Professores da UFGD, seção sindical do ANDES - SN realiza festa de Carnaval em sua sede, oferecendo diversão para adultos e crianças, pertencentes ou não à comunidade universitária da UFGD. Em um contexto em que boa parte da comunidade universitária é formada por pessoas que vieram para Dourados em busca de oportunidades de trabalho e/ou estudo, construir espaços de sociabilidade entre nós é também estratégia de resistência política e afetiva. A partir de 2017, a ADUFDourados iniciou seu bloco de carnaval, envolvendo professores, estudantes e comunidade na ocupação das ruas do parque Alvorada.



(Bloco da ADUFDourados Carnaval 2019)

Tivemos um presidente eleito recentemente, em grande

medida, pelas redes sociais, com utilização das chamadas *fakenews* que pululavam o WhatsApp adentro e afora das terras *brasilis*. Nesse contexto, a rua cada vez mais é desconsiderada ou menosprezada enquanto política a ser performa(tiva)da por corpos em aliança neste espaço. Comodidade? Falta de experimentação? Desesperança? Perguntas, quiçá, descabidas. A importância das ações no carnaval está também nas possibilidades outras de esperança que a ocupação das ruas nos oportuniza.

As manifestações públicas são corpos se expressando coletivamente, rumo à apropriação do espaço público para criação de laços; visibilidade de grupos sociais diariamente excluídos; fortalecimento pelo encontro, em suma, aprendizado pela construção coletiva dos atos e pelo enfrentamento coletivo de tensões em relação à primazia dos carros/trânsito no espaço público e às fiscalizações/normatizações que limitam a circulação de pessoas na cidade, enquanto espaço de expressão/denúncia/crítica social. O direito de ocupar a rua está bastante vinculado ao direito à democracia, à livre expressão e à reunião pública "(...) quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não

mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária” (\* Butler, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*, 2017, p.17).

Acreditamos que o Carnaval como pode ser um espaço democrático e de subversão da ordem (imposta a nós), e também carnaval como facilitador de encontros entre corpos, subvertendo a hierarquia social que marca (também) nossas relações na Universidade. Aliás, as máscaras do Carnaval suprimem diferenças sociais/de classe e as fantasias permitem outras possibilidades de re-existência no meio social. No nosso bloco de rua, professores, estudantes e comunidade tocam juntxs e aprendem juntxs os ritmos, sem as distinções que caracterizam seus papéis na universidade, que são abolidas no espaço da festa.

### **O mundo ao contrário e nossas lutas contra uma ordem que mata**

Se o Carnaval é, tradicionalmente, a invenção de um mundo às avessas ou a inversão da ordem por meio da festa e da irreverência, no cotidiano de nossas lutas também utilizamos de nossa força criativa para nos colocar contra uma ordem social que exclui, marginaliza, e em última instância mata, preferencialmente mulheres, negros, indígenas, LGBTQs, pobres e idosos.

O Brasil antes da facilitação do uso das armas, através da assinatura recente das alterações no Estatuto do Desarmamento, já era um dos líderes das violências contra as mulheres e expressões do feminino e m s u a s performatividades corpóreas cotidianas. Isto é, o Brasil é um dos países no mundo que mais mata mulheres, assim torneadas pessoas descartáveis pelo cotidiano do social; o Brasil é um dos países no mundo que mais

mata homossexuais, dentre eles, os gays mais afeminados e para todos os gostos e gozos perversos, há uma dizimação das lésbicas em larga escala. Todxs, assim torneadas pessoas descartáveis pelo cotidiano do social; o Brasil é um dos países no mundo que mais mata travestis, transexuais, assim torneadas pessoas descartáveis pelo cotidiano do social.

Com a liberação das armas pelo decreto que muda o estatuto do desarmamento de 2003, e o iminente pacote “anti-crime” do ministro da Justiça, Sérgio Moro, as ações letais da polícia militar, por exemplo, já angariam números recordes de corpos abjetos, dejetos. Estes são, geralmente, corpos de pessoas negras, indígenas, vidas precarizadas de maneira aguda pelas sanções do governo federal atual, o senhor Jair Bolsonaro. O Decreto 9685 de 15 de janeiro de 2019 que antecede às chacinas deliberadas e que já anunciavam os ataques em escolas públicas, as ameaças às universidades públicas (como a na UFPR em 10 de abril de 2019), dentre outras atitudes propaladas como de “defesa do povo”.



(8M em Dourados - Mato Grosso do Sul)

Nosso 8 de março e o ato do dia 22 de março, este, voltado às mobilizações da paralisação nacional que repudiaram a morte da PREVIDÊNCIA SOCIAL, travestida de REFORMA estiveram entrelaçados e à reboque do carnaval e do bloco de rua. Outro consenso da reforma da previdência social, para além de que ela é a morte de direitos sociais vitais, é de que são/serão as

mulheres as mais prejudicadas nos mais distintos contextos trabalhistas nacionais. Especialmente, (n)os mais precarizados. A dizimação se dará para todos os lados, de quem alimenta a engrenagem trabalhista/securitária e previdenciária brasileira, como bem acompanhamos com a presença fomentada pela ADUFDourados de Leandro Madureira, advogado da Andes-Nacional, no início de abril.

Em sua palestra, surpreendentemente esvaziada, Madureira mostrou que mesmo quem ingressou antes de 2003 no funcionalismo público e ainda não cumula todas as condicionantes da PEC 006/2019, saiu desolado. Desolação é a expressão da morte de toda e qualquer dignidade de quem se coloca e não é considerado como digno pelas ações presidenciais em cem dias de governo. Nesses tempos duros e já outrora projetados, o caráter político e revolucionário da alegria é vital para que ações fascistas cotidianas que tanto nos entristecem, nos despotencializam, nos isolam, não nos dizimem (ainda mais). A forma de controle social é a doença, o remédio, a individualização, à reboque dos lucros das farmácias que cada vez mais se abrem, enquanto bares se fecham. Não por um acaso, todas as movimentações carnavalescas na e da ADUFDourados se fizeram costuradas àquelas de nossos compromissos com as ruas, na manifestação de paralisação do dia 22 de março e do já emblemático 8 de março.

Procuramos neste primeiro boletim divulgar para todxs os filiadxs as principais ações destes três primeiros meses da ADUFDourados, Gestão Trabalho, Lutas e Resistência - Biênio 2019/2020. Em breve divulgaremos outros boletins.

## **VAMOS À LUTA**



@adufdourados



/adufdourados

WWW

<http://adufdourados.org.br>